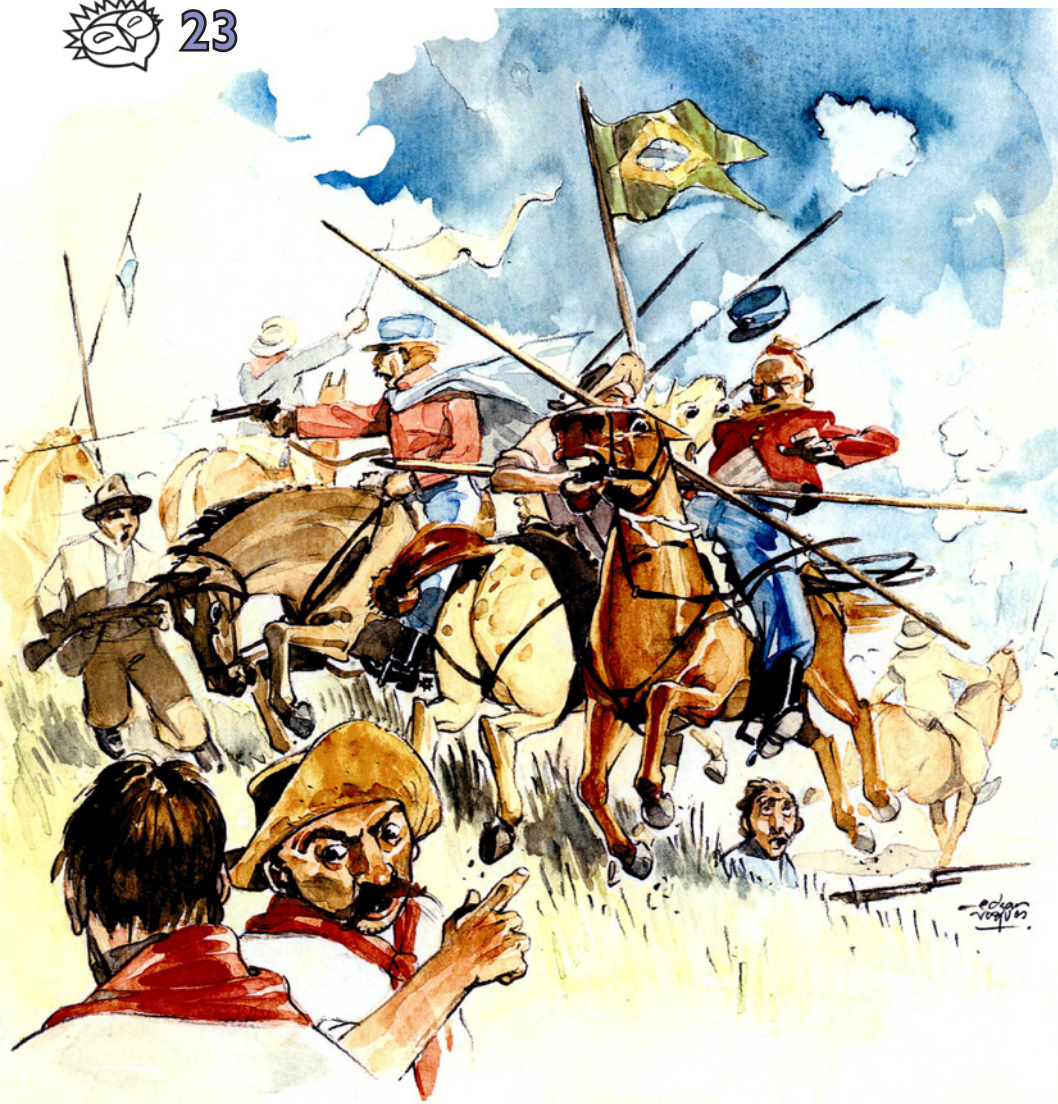


TOP! TOP!

 23



A ARTE MAGISTRAL DE EDGAR VASQUES

Dedicamos este número do *Top!* *Top!* a um dos maiores artistas gráficos brasileiros, notabilizado por suas tiras cômicas e críticas, algo cada vez mais raro de se ver. Com a personagem *Rango* Edgar Vasques desafiou a censura da ditadura militar na década de 1970 e criou uma personagem memorável de nossas histórias em quadrinhos. A obra de Vasques, entretanto, vai bem além, como podemos verificar nesta edição.



Sumário

- 2. Cartum. Sergio Más
- 3. A arte magistral de Edgar Vasques. Entrevista com o editor
- 16. Rango. Edgar Vasques
- 17. O Analista de Bagé. Luis Fernando Verissimo e Edgar Vasques
- 23. Um piru no divã. Edgar Vasques
- 27. Rango 35 anos. Matheus Moura
- 29. Livros sobre HQ para todos os gostos. Nobuyoshi Chinen
- 33. Chamada Geral
- 36. Lero-Lero
- 39. Valdevino. Raoni X.

Capa: aquarela de Edgar Vasques

Editoração: H. Magalhães

Top!  **Top!**

N. 23, 2ª edição, março de 2022 (1ª edição em agosto de 2007).
ISSN 2177-1391



Editor: Henrique Magalhães
Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A. João Pessoa, PB. Brasil. 58046-033
<https://www.marcadefantasia.com>; marcadefantasia@gmail.com

Colaboraram nesta edição: Edgar Vasques, Luis Fernando Verissimo, Matheus Moura, Nobuyoshi Chinen, Raoni Xavier, Sergio Más.

Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do Namid – Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Departamento de Mídias Digitais da UFPP.



A arte magistral de Edgar Vasques

A década de 1970 viu surgir uma vigorosa produção de um certo tipo de quadrinhos no Brasil, as tiras humorísticas, que faziam par com as charges e cartuns em oposição à ditadura militar. Esses quadrinhos tinham, sobretudo na imprensa alternativa, seu celeiro de criação. Eram quadrinhos críticos, bem ou mal humorados, mas reflexivos sobre nossa situação política em particular e sobre a ideologia capitalista no geral.

Todavia, nenhuma tira teve o impacto de *Rango*, de Edgar Vasques. Uma personagem no limite da condição humana, uma escória social a disputar as sobras do que comer com um cachorro e ainda com um filho pra criar era forte demais para os meios de comunicação de massa e mesmo para o estômago de muitos leitores. Ainda assim, *Rango* surgiu no jornal *Folha da Manhã*, de Porto Alegre, migrou para a imprensa nanica e foi lançado em livro, sendo a pedra fundamental da L&PM editora.

Edgar Vasques não se contentou com seu célebre e imortal personagem. Criou outros não menos importantes, fez parceria

com Luis Fernando Verissimo dando corpo ao *Analista de Bagé* e se dedicou a outras expressões das artes visuais. Sua sensibilidade artística, que tratou de temas tão chocantes com tanta firmeza, também se empenhou em desenvolver uma bela obra plástica, expressa na delicadeza da aquarela, que ele faz com maestria.

Na entrevista a seguir, realizada em João Pessoa em dezembro de 2006, durante a Bienal de Desenho promovida pela Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego, Vasques nos fala generosamente de sua formação e seu processo produtivo.

Henrique Magalhães

Quem é Edgar Vasques?

Edgar Luiz Simch Vasques da Silva, brasileiro, nasci em 1949, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde vivo até hoje.

Qual sua formação acadêmica?

Sou formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1979.

Você exerce a Arquitetura como profissão?

Não. Me aposentei no dia da formatura. Fiquei dez anos e meio na faculdade e ao mesmo tempo trabalhava em jornal, por isso demorei todo esse tempo pra concluir o curso. Aliás, não uso a Arquitetura pra muita coisa. O que me foi importante na Arquitetura foi a formação humanista.

É interessante que temos muitos exemplos de quadristas com formação na Arquitetura. Eu também fiz o curso, mas larguei no final, pra fazer Jornalismo. Qual é, então, sua atividade profissional?

Eu desenvolvi o que chamo de *versatilidade compulsória*. No ramo do grafismo eu faço um pouco de tudo pra poder sobreviver: ilustração, quadrinhos, charge, caricatura. Além disso, tenho tido incursões no jornalismo propriamente dito. Já editei publicações ligadas ao grafismo, já fiz entrevistas, já agi como editor de textos, escrevo sobre o assunto, então tenho uma gama de atividades bem variada.

Além do grafismo, você faz outros trabalhos na área das artes visuais?



Edgar Vasques em 2006 na Fundação Espaço Cultural da Paraíba

Faço aquarela, mas é um trabalho diletante. Embora eu já tenha vendido minhas aquarelas, não considero ainda isso como uma atividade profissional. Eu faço isso nas férias, quando estou viajando, como estou fazendo aqui com o que estou vendo na janela do quarto do hotel.

Tenho esse tipo de aquarela de vários lugares do mundo, de Buenos Aires, Quito, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e agora daqui, de João Pessoa, onde tem uma paisagem interessante. São coisas que faço como diletante, que me ajudam a exercitar essa técnica.

Apesar de já ter feito exposições, não me considero um aquarelista ortodoxo, ao estilo das artes plásticas. Eu trabalho aplicando a aquarela a um objetivo gráfico.

Desse modo, você tem conseguido viver de desenho no país. Isso é muito raro.

Na verdade, no momento eu estou tentando restabelecer uma relação com o mercado do grafismo, do grafismo aplicado à imprensa, porque eu fiquei praticamente onze anos fora do mercado. Durante esse período eu colaborei

como funcionário temporário na Prefeitura de Porto Alegre, onde fazia direção de arte numa *house agency* que tinha dentro da prefeitura e ali a gente fazia de tudo, marca, logotipo, cartaz, cartilha, anúncio, um trabalho mais de publicitário. Mas lá eu desenvolvi uma coisa muito importante, que foram as cartilhas. Hoje eu me considero capaz, na linguagem do humor gráfico, do quadrinho, de explicar qualquer coisa pra qualquer um.

As cartilhas eram em quadrinhos ou com ilustrações?

Um eram em quadrinhos em preto e branco, outras eram coloridas com aquarela e algumas eram com ilustrações entremeadas no texto.

Você está publicando em alguma revista ou jornal?

No momento eu colaboro regularmente com duas publicações segmentadas, o jornal *Extra Classe*, dos professores da rede privada do Rio Grande do Sul, que é um jornal muito

bem feito tanto editorialmente quanto graficamente; e colaboro com uma coisa completamente antípoda pra mim, eu faço a charge da revista da *Fecomércio*, que é a federação dos comerciantes. Não tem coisa mais diferente dos comerciantes do que eu, tudo o que eles pensam eu acho o contrário, mas mesmo assim eu tenho conseguido fazer uma charge mensal para eles, às vezes eu até estou gozando a atividade e os caras não se dão conta e publicam! Mas, tudo bem, tem funcionado. Atualmente esses são os dois *freelancer* regulares que eu tenho.

É difícil o acesso à grande imprensa de Porto Alegre?

Porto Alegre tem um desequilíbrio muito grande em termo de imprensa; uma só empresa tem 70% da verba publicitária, o que configura um monopólio econômico. É a RBS, Rede Brasil Sul de Comunicação, com o jornal *Zero Hora*, que tem a repetidora da Globo, os principais jornais de Por-



Edgar Vasques em oficina na Bienal de Desenho



Esta e seguintes: Ilustrações de E. V.

to Alegre e das cidades do interior. O resto é time pequeno. Durante muito tempo não tinha espaço pro cartum, agora tem um espaço, mas o espaço já está ocupado, são vagas limitadas. Eu fiquei muito tempo fora, quando voltei para a planície, os lugares já estavam ocupados. Dentro da RBS existe uma incompatibilidade. Na verdade, eles até me convidaram algumas vezes para trabalhar com eles, mas eles queriam que eu participasse de programas de televisão, que não é minha praia. Eu achei que minha opinião ia se diluir muito ali. A atitude deles era algo como “olha como somos democráticos, a gente chama até os nossos críticos para trabalhar conosco”. Quer dizer, o que eu ia dizer em um dia eles iam ter todo um mês para desmentir; na verdade, só ia coonestar um troço que eu não concordo, então eu não topei trabalhar desse jeito.

Você ainda lê quadrinhos? Quais personagens que mais gosta?

Leio quadrinhos, mas eu sempre tive muito olho crítico. Quando eu era gu-

rzinho eu ia na banca pra comprar a revista do Disney, mas eu só comprava se fosse do Pato Donald desenhado por Carl Barks. Como ninguém assina nas publicações Disney, eu reconhecia no olho mesmo. Eu já sabia que era um desenhista diferente, embora tudo estivesse escrito Walt Disney.

Como é o caso de Zé Carioca, de Canini. Canini detonou o esquema, porque o desenho dele é tão característico que não adiantava não assinar. Com esse olho clínico, eu enjôo logo uma nova informação nos quadrinhos, eu vejo uma coisa que não conheço, sei que ali tem uma novidade, me agrada, eu coleciono um tempo, depois dou por conhecido e parto pra outra.

Tem alguns caras que estão nas bancas que eu acho maravilhosos. Gosto muito de alguns trabalhos antigos, como o *Lobo Solitário*, que conheço de várias edições, e tem um cara novo que é muito bom, que é excepcional, que é o desenhista Hiroaki Samura, do *Blade, a lâmina do imortal*. É impressionante o que esse cara faz, produzir aquele número de páginas com a qualidade, com a informação visual fluente que tem ali. O que ele faz com a anatomia! A história é totalmente sadomasoquista, aquela coisa de samurai se cortando ao meio. Ele desenha a figura humana em qualquer corte, em qualquer posição, e as figuras têm charme; ele consegue sutilmente dar uma roupagem moderna, embora a história se passe lá na Idade Média japonesa.

Tem outros japoneses bons também. Tem alguns cartunistas, como

Mike Mignola, que é um baita desenhista americano com um estilo totalmente original. Com *Hellboy*, ele faz uma grande gozação com toda a mitologia do super-herói. Eu gosto de outros autores, mas sempre o que vai me atrair numa história em quadrinhos é o bom desenho. Se o roteiro é legal e o desenho é ruim, como *Sandman*, eu já não leio. Acho *Sandman* uma ideia interessante, como roteiro, mas o desenho sendo ruim eu já estou fora.

Os quadrinhos são completamente diferentes das capas, que são espetaculares.

Isso é uma sacanagem. Às vezes a revista vem envolta num plástico, você não consegue folhear e a capa é maravilhosa, mas o desenho lá dentro é insipiente, pavoroso.

Quais personagens e autores influenciaram seu trabalho?

Sem dúvida, Carlos Estevão, que foi um maravilhoso desenhista a bico de pena, nunca vi alguém superá-lo. Tinha uma revista do começo da década de 1960, junto com *Pererê*, chamada *Dr. Macarra*, que é uma obra prima em termos de uso do bico de pena e do nanquim.

Ziraldo, que é um baita desenhista, também me influenciou muito. Além dele, o gaúcho Canini, que eu lia quando era criança. Minha mãe era professora e ele desenhava na Revista das Professoras, ele tinha personagens que eu saía copiando. *Corta-corta* e *Ligeirinho* eram duas formigas que ele desenhava, e eu saía imitando, tentando desenhar que nem ele. Mas

eu nunca tive a capacidade de síntese de Canini, aquela capacidade de fazer um desenho limpo, com poucos traços e dizer tudo e ser sedutor. Minha máxima é: tudo o que eu vi e gostei me influenciou.

Seu personagem mais conhecido é Rango, criado em 1970. Que outros trabalhos você destacaria em sua obra?

Tem muita coisa, especialmente na área dos quadrinhos, que não é conhecida. Mas agora eu fiquei mais manjado, mais conhecido, porque finalmente consegui chegar num estágio de fazer o que eu quero com aquarela.

E o que é que eu quero com a aquarela? O que ela não pode dar normalmente. A minha aquarela às



vezes tu não notas que é aquarela, ela chega a um realismo que parece um guache ou até acrílica. Eu transgribo todas as regras do uso da aquarela pra chegar num resultado. Um aquarelista ortodoxo espanhol ficaria com sarampo me vendo trabalhar. O lance de fazer as coisas de primeira, não retocar, isso não me interessa. Algumas regras eu sigo, eu não uso o branco, o branco é o papel, que é a regra básica da aquarela, porque ela é transparente. Não uso preto, também.

Eu descobri fazendo o *Analista de Bagé* que a suavidade da sombra da aquarela é fundamental; eu misturo o azul com marrom pra fazer o cinza mais ou menos denso e é com isso que eu me livro da zona escura. Agora tem muita gente gostando de minhas aquarelas.

Na área dos quadrinhos eu tenho uma grande frustração, porque eu tenho várias histórias que estão engasgadas porque o mecanismo profis-

sional brasileiro de edição de quadrinhos é muito incipiente, não permite que tu trabalhes profissionalmente, que tu ganhes por aquilo. Quando a gente é guri a gente faz as coisas e deixa na gaveta, mas não posso mais fazer isso. Se eu desenhar e não me pagarem, minha tendinite está aumentando, tenho filho pra sustentar, as contas chegando...

O que eu tenho de quadrinhos são coisas mal editadas. Eu tenho um personagem chamado *Piru Papão das Mocreias*, que é o cara que só transa mulher feia, que é um trabalho que tem quase 20 anos. Meus quadrinhos sempre foram reações a problemas que eu via na sociedade. Por exemplo, o *Piru* é uma reação à obrigatoriedade do cara ser bonito, ser jovem, não só os homens, as mulheres também, esse hedonismo maluco que faz toda a mensagem da publicidade; então eu fiz um cara feio que só gosta de mulher feia e com isso eu vou mostrando as barba-



Descobrimto, por E. V.



Capa e detalhes do álbum *Sottovoce*, lançado pela L&PM

ridades. Este é um de meus melhores personagens, e está mal editado.

Outro trabalho meu que considero uma obra prima, comparando comigo mesmo, chama-se *Sottovoce, a morte fala baixo*, que foi uma reação minha à impunidade com que o Brasil passou da ditadura pra pretensa democracia sem que ninguém fosse responsabilizado por nada. *Sottovoce* é uma lenda italiana de um personagem que é um vingador, ele começa a azarar esses filhos da puta que ficaram impunes, o policial torturador, o político corrupto etc. Foi uma história que teve uma tiragem mínima, no entanto ela foi um puta sucesso de público e de crítica e hoje não existe mais, virou relíquia, eu mesmo só tenho um exemplar. Tem outra história que eu nunca fiz, chama-se *O Captor*, que é a história de um pintor das cavernas na pré-história; é uma pré-história em quadrinhos que é uma viagem em homenagem aos desenhistas,



mostrando lá na pré-história como já era importante o cara que conseguia registrar visualmente as coisas, como era importante seu papel na sociedade que estava se formando.

O que se passa com as editoras, que não reconhecem esse tipo de trabalho? Eu acho que falta profissionalismo. A impressão que se tem é que tu tens que desenhar, tu tens que vender, que fazer tudo, que eles estão sentados lá esperando que tu faças tudo e aí, se tudo der certo, eles lucram. Eu espero de uma editora que eles façam a parte

deles. Eu entrego pra eles o desenho e eles têm que se virar; a minha parte eu já fiz. Com sangue, suor e nanquim, quando eu entrego um desenho, eu já fiz todo meu esforço ali. Eu posso ajudar dando entrevistas. Faz parte da tarefa do editor armar o esquema pra vender o produto, pra divulgar etc.

Fome de Rango

Desde o início, Rango nos parece um personagem muito bem construído tanto gráfica quanto ideologicamente. Como você o concebeu?

Novamente, *Rango* foi uma reação a um problema que eu estava vendo. No final dos anos 1960, em plena ditadura militar, eu tinha 18, 19 anos, estava entrando na faculdade de Arquitetura, morava no centro de Porto Alegre, atravessava a cidade e via o menor abandonado. No bairro em que eu morava tinha um monte de *bebum* pela rua, mendigo, marginal, a escória da sociedade. O discurso social sob censura era que o Brasil estava se desenvolvendo, era “corrente pra frente”, “90 milhões em ação”, “ame-o ou deixe-o”.

Na verdade, o que tinha acontecido foi que houve uma brutal injeção de

capital que criou uma dívida externa cavalara, no tempo de Delfim Neto, e também uma brutal repressão ao trabalho no Brasil. Não se podia reivindicar nada! Então ficou como eles queriam pra desenvolver a indústria: tudo para a geração de riqueza, mas para a distribuição, não. E eu via que essa miséria toda era resultado dessa política; ninguém dizia nada porque havia censura. Desse modo eu usei a minha linguagem, que era o humor, pra dizer o que era óbvio. Ninguém podia pregar revolução nem nada porque se ia em cana, mas dizer que tinha miséria já era uma revolução, porque era proibido dizer isso na época.

Em termos gráficos, parece que Rango já nasceu maduro. Não houve uma transição, como ocorre com todo personagem?

No livro do *Rango* que comemora os 35 anos (lançado pela L&PM em 2005) tu vais ver que houve uma grande mudança gráfica. É que nem criança, quando tu acompanhas todo dia tu não notas as mudanças, mas houve sim. Quando eu olho os primeiros desenhos...! *Rango* é um personagem que, nesse sentido, é vivo, ele cresceu, os próprios temas se am-



Rango, de E. V.



pliaram, não fala mais só da fome, ele passou a falar da fome e de suas causas e suas consequências.

Em quantos jornais e revistas Rango foi publicado?

Em muitos jornais, perdi a conta porque ele foi distribuído pela Pacatatu (distribuidora dirigida por Rick Goodwin, que deu sequência à Agência Funarte). O *Rango* teve uma breve carreira internacional, ele saiu no *Charlie Mensuel*, de Paris. Na apresentação de Rango, Wolinski dizia que tinha que ter estômago pra aguentar. Pro francês era um escândalo, um cara faminto vivendo no meio do lixo, com a barriga roncando. Ele também saiu numa revista no México; e em Buenos Aires tem um site de um fanzineiro que gosta do *Rango* e o publica lá. Agora, com a internet, nem sei por onde ele anda, embora eu não tenha site. No Orkut tem os fãs do *Rango*. É algo que sai de seu controle total.

Você falou que Rango foi distribuído pela Pacatatu. A agência ainda está em atividade? Rango ainda é distribuído?

Rick Goodwin, que dirige a Pacatatu, é uma pessoa maravilhosa, sou amigo dele; sem preconceito, acho que ele é um carioca trabalhador. Na verdade, ele é americano, o pai dele é um pastor protestante americano, tem toda essa ética do trabalho. E Rick é um cara esforçado, montou a agência, mas funcionalmente tem muitos problemas com os contratos com os jornais. Então o *Rango* virou bóia-fria, sai de vez em quando. Eu nunca



Rango, de E. V.

consegui, dentro da Pacatatu chegar numa situação mais ou menos confortável profissionalmente. O *Rango* continua fazendo parte do catálogo da Pacatatu, mas não está saindo em lugar nenhum. A última vez foi no *JB (Jornal do Brasil)*, em 2005, por conta de Ziraldo, que botou lá os cartunistas. O *JB* é outra grande esculhambação, com problemas financeiros, indefinições editoriais, que acabou prejudicando a gente.

Para minha geração, Rango tornou-se um símbolo da reação à ditadura e uma crítica feroz ao capitalismo. Você teve problemas políticos com o personagem?

Sim. O *Pasquim* foi tirado das bancas por causa de uma tira do *Rango* e nós fomos processados, Jaguar e eu. Daí a três anos o processo foi arquivado porque era uma besteira tão grande! O processo podia ser pela justiça civil ou justiça militar, lei de imprensa ou lei de segurança nacional. Quando chegou na justiça civil o promotor disse que pela lei aquilo não tinha nada, não; mandaram para o outro, que reconheceu que era uma bobagem aquilo ali. O artigo da lei que queriam nos enquadrar dizia: “receber dinheiro de potência estrangeira para denegrir o Brasil”. Era o “ouro de Moscou”. E o

Pasquim gozava dizendo que “quem nos paga é o Idi Amin, é o ouro de Uganda”. O promotor viu que ia passar vergonha e ninguém quis nos processar. Então se deu o chamado “conflito negativo de autoria”, nenhuma instância quer ser autora do processo. E foi arquivado. Mas nós tivemos que depor na polícia federal. Vieram policiais pagos com nosso dinheiro do Rio a Porto Alegre pra me interrogar; um troço ridículo! Eles queriam dar uma prensa no *Pasquim* porque o *Pasquim* incomodava.

O conteúdo político de Rango não lhe trouxe nenhum estigma?

Trouxe. Embora não seja explícito, já durante a ditadura a imprensa foi se adaptando à censura, sobrepondo ao dever de informar e refletir a sociedade os seus interesses comerciais; ela é muito mais empresa do que imprensa.

Não só eu, mas também outros, éramos artistas que tínhamos uma posição incômoda pra eles, e passamos a ser escanteados. Eu pedi demissão do jornal *Folha da Manhã*, de Porto Alegre, onde apareceu o *Rango*. Lá pelas tantas houve uma espécie de “golpe de estado” dentro do jornal. Toda a equipe que fazia o jornal com uma postura antiditadura e a favor da informação foi defenestrada, mas eu não era pra sair, porque eu era ponto de venda para o jornal. Eu pedi demissão em protesto, aí eu fiz parte de uma lista negra durante um tempo e nunca mais fui citado nos jornais. Fazíamos uma exposição com dez caras, citavam o nome dos nove e outros; “outros” era eu. Hoje não há

mais isso, quando eu ganho um prêmio os caras até se gabam por eu ter sido chargista da *Folha da Manhã*.

Foi com a publicação de um livro de Rango que surgiu a editora L&PM, de Porto Alegre. O que isso representou em sua carreira?

A L&PM é a continuação de uma outra empresa, a Ciclo Cinco Propaganda, em que Ivan Pinheiro Machado, o PM da L&PM, Paulo Lima e eu, éramos sócios. Era uma agência de propaganda que a gente, com 20 anos, criou pra ver se conseguia se profissionalizar em alguma coisa. Eu e Ivan estudávamos Arquitetura e Lima estudava Administração. Nós fundamos a agência com mais dois sócios, que em seguida caíram fora. Mas eu não queria ser publicitário, eu queria era desenhar e publicar em jornal. Então, quando eu consegui um emprego na *Folha da Manhã*, em 1972, eu decidi sair da agência. O problema é que eu era o departamento de arte da agência.

Nesse período, o *Rango* começou a sair no jornal, fez sucesso e eles tiveram a ideia de montar a editora. Um dia me chamaram pra propor a transformação da agência de propaganda em editora e o primeiro livro que pretendiam fazer era com as tiras do *Rango*. Eu com meu tino comercial legendário, falei que tudo bem, mas desde que eu não fosse mais sócio. Eu podia estar com eles até hoje, mas deixei de ser sócio da editora que fez mais sucesso nas duas décadas seguintes.

O *Rango* nº 1, em 1974, um livro de quadrinhos, foi pela primeira vez o livro mais vendido da tradicional Feira

do Livro de Porto Alegre. Um livro que Érico Veríssimo teve a generosidade de fazer um prefácio maravilhoso, o que representou uma atitude política dele, em vista da censura da época.

A falta de interesse dos jornais em publicar quadrinhos desestimula a criação. Você continua produzindo Rango?

Não. O bóia-fria está em recesso, está na entressafra. Eu tenho em torno de quatro mil tiras do *Rango*, e o pior é que elas estão atuais.

Atualmente as tiras são publicadas em cores na imprensa diária, mas você publicou Rango no Jornal do Brasil em preto e branco. Isso foi uma postura estética sua?

As tiras eram antigas. Se eu fosse produzir novas tiras e a proposta fosse fazê-las com cor eu ia ter que dar um jeito. Ziraldo tentou colorir-las, fez algumas com lápis de cor, mas não funcionou, então decidimos publicar em preto e branco mesmo. Elas foram feitas para serem publicadas em preto e branco. Seria a mesma coisa que colorir um filme, fica uma coisa artificial. A bem da verdade, nem sei que cor tem o *Rango*.

Mais quadrinhos

Além de Rango, você fez histórias em quadrinhos longas, algumas com adaptações e parcerias, como o Analista de Bagé. Como foi fazer esse trabalho com Luis Fernando Verissimo? As crônicas do Analista de Bagé saíram em 1981 e foi o maior sucesso

editorial brasileiro até aquele momento. Eles fizeram em seguida o segundo volume com novas crônicas, *Outras histórias do Analista de Bagé*. A L&PM tinha uma linha de quadrinhos, eles publicavam inclusive Moebius e outros quadrinhos europeus; publicaram as histórias clássicas de *Batman* e *Super-Homem*, assim como o *Rango*. Então eles tiveram a ideia de pegar os primeiros livros do *Analista* e quadrinizar. Mas eu quadrinizei histórias que já tinham saído em texto, não eram histórias novas ou especiais, eu fiz o roteiro, a *decupagem*. O álbum *O Analista de Bagé*, em preto e branco, saiu em 1983.



O *Analista de Bagé*, de Luis Fernando Verissimo, com traço de Edgar Vasques

Com base nessa experiência, Luís Fernando, que colaborava com a *Playboy*, recebeu um convite pra gente fazer o *Analista* na revista, só que com histórias inéditas. De 1983 a 1990, durante sete anos, a gente publicou mensalmente uma página em cores na *Playboy*, com histórias especialmente feitas para isso. Foi aí que eu me amanei no uso da aquarela.

Eu comecei usando ecoline e nanquim, mas eu achava que a ecoline era muito escandalosa. Então passei para aquarela e nanquim, mas o nanquim ficava pedado demais para a aquarela; aí passei a usar nanquim sépia, marrom, com aquarela. Melhorou, mas ainda era um traço muito agressivo para a leveza da aquarela. Finalmente parti para o lápis grafite e aquarela, que é o ideal gráfico do *Analista*.

Quanto tempo durou a parceria?

Foram sete anos de colaboração com Luís Fernando. Ele é um cara impressionante, de pouquíssimas palavras, mas que te dá uma enorme liberdade pra trabalhar. O roteiro que ele me entregava era uma folha de ofício onde dizia: “Um homem velho: ah, doutor, não sei o que está acontecendo comigo, eu brochei...” e por aí vai. “Analista: mas, quantas conseqües...” E aí vem aquele papo. Era assim o roteiro, quatro diálogos. Ele não descrevia as personagens, se o homem velho era gordo ou magro. Então eu inventava, eu dirigia o “filme” com base nisso.

Um dia eu descobri, lendo uma das primeiras histórias do *Analista*, que Luís falava nas suíças dele. Só aí percebi que o personagem tem suí-

ças, e não barba, como eu desenhei. Minha imagem do *Analista* tem uma barbona desse tamanho, inspirada numa representação do gaúcho que um colega, (o jornalista e escritor) Fraga, fez pra ir num churrasco. Ele foi tão bem fantasiado que ninguém o reconheceu. Aquela sobrancelha única do *Analista* está na caricatura do Fraga. Esse visual do gaúcho está na capa do primeiro livro do *Analista de Bagé*, que é uma foto do Fraga. O *paciente* na capa desse livro é um outro cartunista, o Juska, que não deixa de ser meio louco. Toda a produção foi feita por Roberto Silva, nosso companheiro que está morando aqui em João Pessoa, que foi o cara que inventou visualmente aquela capa.

Eu me baseei nesse visual pra fazer o quadrinho. Na cabeça de Luís Fernando o *Analista* nunca teve barba, mas ele nunca disse nada. Quando lhe perguntei porque ele não falou nada, ele disse que estava bom assim, que podia deixar dessa forma. Esse é Luís Fernando.

Como você vê os fanzines e outras publicações independentes?

Por um lado, acho que são um respiro, cumprem o papel de publicar quem está chegando, o que é uma coisa fundamental. Quem quer trabalhar com mídia tem que ver o resultado de seu trabalho impresso, tem que voltar pra si os defeitos e os acertos, tem que ver a reação do leitor. Isso faz parte da formação do grafismo. O fanzine cumpre esse papel, embora de forma segmentada, de forma precária. Por outro lado, eu acho que ele é um sin-

toma de um defeito. O fanzine pode existir, mas ele não pode ser a única solução pra quem está querendo publicar, até porque é impossível tu te profissionalizar no fanzine, não tem espaço pra todo mundo querer se profissionalizar como fanzineiro. Tinha que ter era canais para o cara poder falar para o grande público e dar seu depoimento artístico do país em que ele está vivendo.

Em que medida os meios eletrônicos podem ter uma interface com os quadrinhos?

Acho que a internet é uma poderosa mídia que ainda não mostrou toda sua abrangência, mas que está mudando radicalmente até a tua postura individual. Eu, por exemplo, não tenho site, mas vou ter que ter. Sou um aquarelista, então eu ia fazer um cartão com esses termos: Edgar Vasques, desenhos feitos à mão. Eu sou um cara que desenha à mão, não desenho com o mouse. Mas isso é uma realidade, tem coisas muito legais feitas com computador. Já quase passou uma geração de adaptação, de os caras achar que o computador resolvia tudo, e aí faziam o que Roberto Silva chamou de “aleijados bem vestidos”, que é o desenho todo defeituoso, mas todo lambidão, bacana, colorido, com luzes, usando os recursos do Photoshop e deformações. Essa geração já está passando, já tem uma gurizada que já entendeu que o computador é um instrumento, mas não um fundamento. Está chegando a hora em que o computador está se transformando realmente numa vantagem e não num defeito.

Você acredita que é possível a formação de um mercado de quadrinhos brasileiros?

Claro que é possível! Temos desenhistas de alta qualidade, roteiristas menos, mas já estamos começando a ter, e temos o público. Então, o que é que falta? Falta o que tu está chamando de mercado, uma intermediação inteligente, organizada e séria que junte essa produção com aquela demanda. Agora, como fazer isso, faz 38 anos que eu estou querendo saber.

Quais são seus projetos de quadrinhos e artes visuais?

Meu projeto nesse momento é compor um orçamento no fim do mês. Como fazer isso, aí sim, tenho muitas ideias. Por exemplo, tem uma história de morcegos, que eu contava para meus filhos dormir durante seis anos que eu nunca escrevi nem desenhei e descobri que é uma história que tem empatia. Então, estou pensando em entrar na literatura infantil por aí, inclusive fazer uma coisa meio experimental.

Mas o problema é que, na situação de penúria profissional em que trabalha do grafista hoje, e a minha especialmente, tu não tens tempo de investir nas ideias, tu tens que pagar as contas no fim do mês, então tu vais fazer qualquer coisa que te encomendem. Na verdade, eu não faço qualquer coisa, eu prefiro ficar devendo umas contas, tem uns limites éticos aí. Eu trabalho com quem eu acho que não vai me conduzir para becos que eu não quero penetrar.



Rango

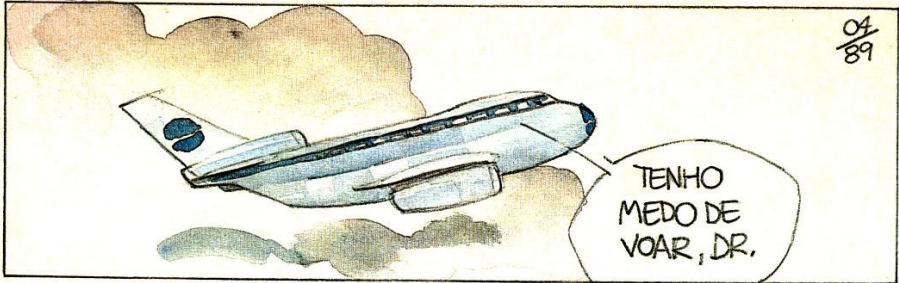
Edgar Vasques

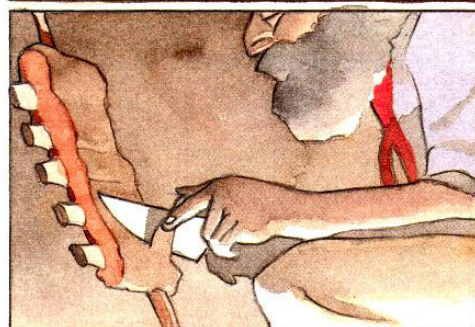


O Analista de Bagé

Luis Fernando Veríssimo - Edgar Vasques







06
89

CONTAM QUE OUTRA VEZ UM CASAL
PEDIU PARA CONSULTAR, JUNTOS, O
ANALISTA DE BAGE. ELE, A PRINCÍPIO,
NÃO ACHOU MUITO ORTODOXO:



QUEM GOSTA
DE AGLOMERAMENTO
É MOSCA
EM BICHEIRA!

MAS ACABOU
CONCORDANDO.

SE ABANQUEM,
SE ABANQUEM
NO MAS,



MAS QUE
PARELHA
BUENACHA,
TCHÊ!

QUAL
É O
CAUSO?

BEM... É QUE NOS
TIVEMOS UM
DESENTENDIMENTO



MAS TU TAMBÉM
É UM BAGUAL

ENTÃO TU
NÃO SABE QUE
EM MULHER É
CAVALO NOVO
NÃO SE MITE
A ESPORA?



MAS EU NÃO
METI A
ESPORA!



NÃO É,
MEU BEM?



NÃO FALA
COMIGO.



MAS ESSA AÍ TÁ MAIS
NERVOSA QUE GATO
EM DIA DE FAXINA!



ELA TEM UM
PROBLEMA DE
CARÊNCIA
AFETIVA



0183/03



OLHA, EU NÃO SOU DE MUITA FRESCURA,



LA' DE ONDE EU VENHO, CARENÇA AFETIVA É FALTA DE HÔME!



NÓS ESTAMOS JUSTAMENTE ATRAVESSANDO UMA CRISE DE RELACIONAMENTO PORQUE ELA TEM PROCURADO EXPERIÊNCIAS EXTRA-CONJUGAIS E...



EPA! OPA!

QUER DIZER QUE A NÉGA VEIA TÁ QUE NEM LUVA DE MAQUINISTA?

TÃO FOLGADA QUE QUALQUER UM BOTA A MÃO !?



ORA, NÓS SOMOS PESSOAS MODERNAS. ELA ESTÁ TENTANDO ENCONTRAR O VERDADEIRO EU, ENTENDE?



ELA TÁ PROCURANDO O VERDADEIRO TU NOS OUTROS?



O VERDADEIRO EU, NÃO

O VERDADEIRO EU DELA!



MAS ISSO TÁ FICANDO MAIS ENROLADO QUE LINGUIÇA DE VENDA!

TE DEITA NO PELEGO!



EU?



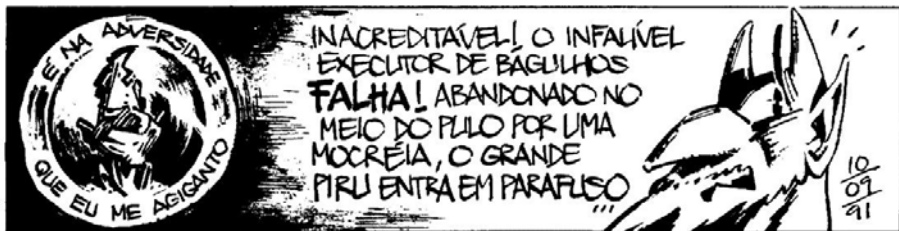
ELA.

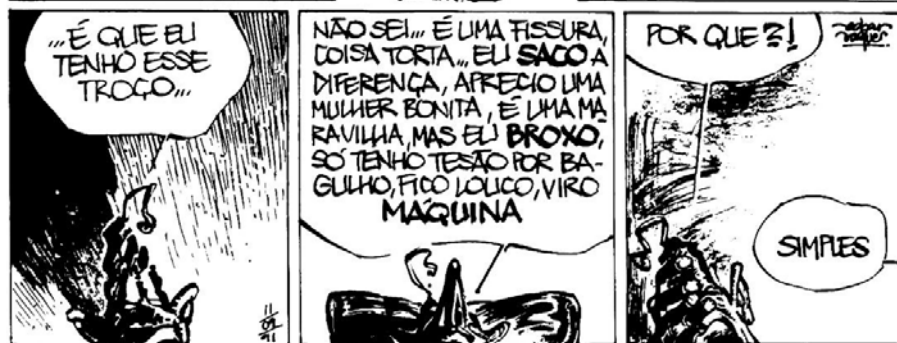
TU ESPERA NA SALINHA!



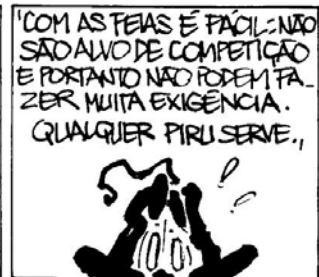
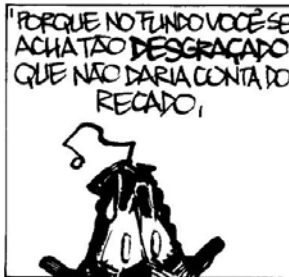
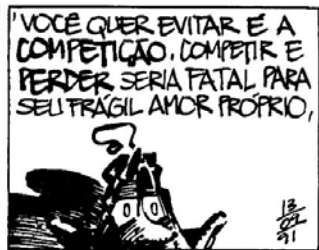
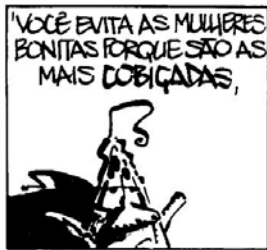
L.F.V.











'NÃO SEI,,,'



Rango 35 anos

Matheus Moura

Edgar Vasques é arquiteto, jornalista, chargista, cartunista, caricaturista e também um dos fundadores da Grafar (Grafistas Associados do Rio Grande do Sul), uma entidade informal que auxilia cartunistas e os insere em sindicatos e eventos de âmbito internacional, como o *Fórum Social Mundial*.

Sua principal personagem é Rango, criado em 1970 e tendo sua primeira aparição na revista *Grilus*, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A premissa de Rango era incorporar em uma única personagem as “qualidades” do brasileiro padrão: pobre, faminto, sem perspectiva, marginalizado e desempregado. Isso aliada às críticas fervorosas à ditadura militar do período. Tamanha repercussão teve sua criação que não tardou para ela passar a ser publicada em periódicos da época como o *Pasquim* e *Folha da Manhã*, atingindo um público considerável de leitores e se firmando como um dos símbolos da resistência à ditadura. Em 1974, coincidindo com a criação da editora L&PM, é lançado o



primeiro livro da editora, do autor e de Rango; o *Rango 1*, com prefácio do escritor Erico Veríssimo, que chegou até ao quarto número.

Em 2005 saiu o livro *Rango 35 anos*, na coleção L&PM Pocket, a R\$ 10,00 e com 120 páginas reunindo os melhores momentos da personagem. Como é de praxe em coletâneas, o livro segue uma ordem cronológica, apesar de alguns saltos temporais. Minha maior crítica a essa reunião de tiras é o fato que às vezes há a reciclagem de uma “tirada” do autor com determinado ocorrido/situação, que em uma coletânea pode-



ria ser evitado para não ficarem duas ou mais tiras apresentando a mesma idéia/sacada. Quando uma tira é publicada diariamente isso até se justifica, mas aqui não é o caso. Há ainda neste volume a reapresentação do prefácio original de Erico Veríssimo, um comentário dos editores e as próprias palavras de Edgar Vasques a respeito de sua obra. Rango, assim como outras personagens da época como Fradim e Zeferino de Henfil, conta a história de um



Brasil oprimido, miserável e ignorante, adjetivos que – infelizmente – ainda fazem parte de nossa realidade.

Para finalizar não posso deixar de sugerir este livro e demonstrar um pouco da perspicácia de Vasques, como quando Chaco (o representante dos hispânicos nas tiras) pergunta a Rango: “*Pero afinal, o que é capitalismo selvagem?*”, então Rango responde: “*Ora é uma redundância*”.

Publicada originalmente em
<http://www.bigorna.net/index.php?secao=lancamentos&id=1166762878>,
acessado em 22/12/2006 e 02/03/2022.

Livros sobre HQ para todos os gostos

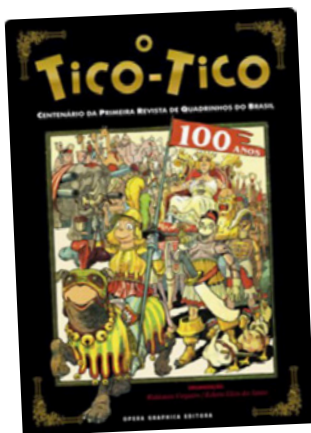
Nobuyoshi Chinen

Mantendo o bom ritmo que vem se firmando nos últimos tempos, o ano de 2006 também foi pródigo em lançamentos de livros teóricos sobre histórias-em-quadrinhos. Ao todo foram 15 títulos, que exploraram estilos variados e abordagens que foram da biografia ao texto mais acadêmico. Nada que se compare com o fabuloso ano de 2005, em que foram lançados 27 títulos nesse segmento, uma impressionante média de mais de dois por mês. No entanto, se a quantidade não foi tão boa, na qualidade, não deixou a desejar.

O ano começou com dois superlançamentos: *O Tico-Tico: Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil*, da editora Opera Graphica, e *O Almanaque d'O Tico-Tico*, da Fundação Antares. O primeiro, organizado pelos professores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos, coordenadores do Núcleo de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da USP, traz uma série de ensaios escritos por alguns dos mais importantes nomes da pesquisa sobre quadrinhos no país como Antonio Luis Cagnin, Diamantino da Silva, Franco de Rosa, Marco Aurélio Luchetti e So-

nia Bibe-Luyten, e Sérgio Augusto, além de outros autores. Um trabalho completo, abrangente, muito bem produzido e que traz como bônus a reprodução, na íntegra, do primeiro número d'*O Tico-Tico*. O outro volume, organizado pelo acadêmico Arnaldo Niskier, dono de uma das mais completas coleções da revista, também conta com nomes de peso na equipe de colaboradores, entre eles o publicitário Mauro Salles, Moacyr Cirne e Zita de Paula Rosa. Ainda que seu conteúdo seja mais sucinto, tem como vantagem ser todo impresso em cores, reproduzindo as páginas tal como eram originalmente. Ambas as publicações têm formato grande e, apesar de terem saído no ano seguinte ao do centenário propriamente dito, são produções magistrais que marcaram de forma digna os 100 anos da mais famosa publicação infantil brasileira.

A editora Globo, que recentemente perdeu a parceria com Maurício de Sousa, lançou no primeiro trimestre, o livro *Maurício, Quadrinho a Quadrinho*, de Sid-



Livro em homenagem a'O Tico-Tico, organizado por Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio

ney Gusman, que ajuda a conhecer a formação de Maurício como quadrinhista, além dos personagens, séries e autores que mais o influenciaram. Considerando que Maurício é o nome mais famoso do quadrinho nacional não deixa de ser um trabalho válido e relevante.

A editora Marca de Fantasia confirmou seu importante papel para a disseminação de textos sobre HQs e lançou quatro títulos. *Histórias em Quadrinhos Infantil*, de Roberto Elísio dos Santos, ao contrário do que o título possa insinuar, não trata de historinhas para crianças, mas das séries que têm como protagonistas personagens infantis. Elas estiveram na origem das HQs, no final do século XIX e são comuns até hoje, consagradas em séries como *Peanuts* e *Calvin*.

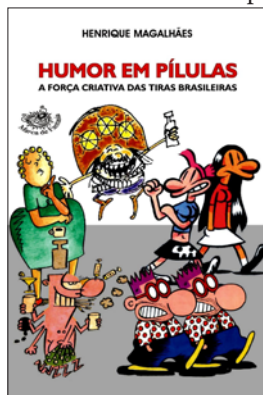
Quadrinhos e outros bichos, de Wellington Srbek, faz uma análise das HQs como linguagem e manifestação artística aplicada a diferentes meios de comunicação.

Humor em Pílulas, de Henrique Magalhães, é um interessante trabalho sobre as tiras de humor, com ênfase na produção brasileira e um le-

vantamento das principais séries nacionais. Os três títulos fazem parte da coleção Quiosque, livros de pequeno formato, mas com muita informação. Já o quarto título, *Riscos no Tempo*, de José Audaci Jr., é um trabalho de conclusão de curso que relata a história dos quadrinhos paraibanos, mas numa linguagem inusitada que mescla desenhos e textos, estes, aliás, bastante honestos já que não se restringem a fazer apologia aos autores citados, mas apontam suas falhas e pontos fracos.

A editora Conrad traduziu e editou dois excelentes títulos, originalmente escritos em inglês. *Homens do Amanhã*, de Gerard Jones, é um competente trabalho de pesquisa e levantamento histórico sobre o nascimento da indústria de revistas em quadrinhos americana. Uma leitura indispensável para quem quer entender o contexto em que surgiram *Super-Homem*, *Batman* e seus congêneres, com dados biográficos dos autores e editores que deram origem a toda essa história. *Manga: Como o Japão reinventou os Quadrinhos*, de Paul Gravett, é um belo livro com um panorama bem amplo do univer-

so dos quadrinhos japoneses cujo sucesso, no mundo inteiro, foi responsável por



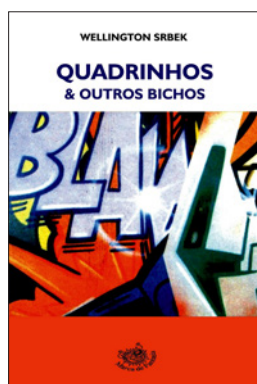
Pela Marca de Fantasia, *Histórias em Quadrinhos infantil*, de Roberto Elísio dos Santos, e *Humor em pílulas*, de Henrique Magalhães

Biblioteca dos Quadrinhos, de
Gonçalo Junior, *Quadrinhos &
outros bichos*, de Wellington Srbek

fazer milhões de leitores ocidentais se acostumar a ler no sentido inverso. A edição é muito caprichada e o autor não se esqueceu de citar duas referências brasileiras, a professora Sonia Bibe-Luyten, uma das pioneiras no estudo do mangá, e o desenhista Julio Shimamoto, que teve direito até a reprodução de uma de suas antigas ilustrações.

Marcelo Duarte, que fez fama com os seus *Guias dos curiosos*, em diferentes versões e temas, reeditou o esgotado *Super-heróis: Você ainda vai ser um*, da Companhia das Letrinhas. Aproveitando a troca de editora, agora a edição é da Panda Books, foi mudado o projeto gráfico do livro e até o nome, que passou a ser *Guia dos curiosinhos: Super-heróis*. O texto é, basicamente, o mesmo, mas, na comparação, a primeira versão sai ganhando de lavada, pois, embora a nova edição tenha um visual mais moderninho e traga meia dúzia de ilustrações de Fábio Moon, na antiga as artes são de Laerte e cada uma delas é um cartum.

Como registro histórico, vale citar o livro *Preso por trocadilho*, de Paula Ester Janovich, da editora Alameda. Um interessante estudo da imprensa paulista de humor do início do século XX e que inclui menções ao trabalho de alguns chargistas como Angelo Agostini, Raul Pederneiras e Voltolino.



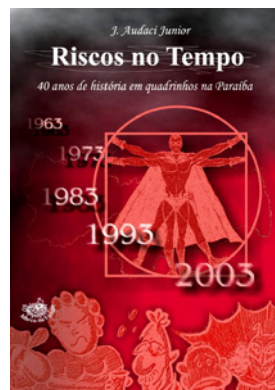
O incansável Gonçalo Júnior, autor do imperdível *Guerra dos Gibis*, lançou em 2006 dois livros. Um deles, *Benício: Um perfil do mestre das pin-ups*, pela editora Cluq, é uma biografia de um dos mais conhecidos ilustradores do Brasil. Benício, que chegou a trabalhar com quadrinhos no início de carreira, é autor de inúmeros cartazes para cinema, ilustrações para peças publicitárias, mas, principalmente, de centenas de capas de livros, num estilo que tem como marcas registradas o realismo e a beleza das mulheres desenhadas. O segundo livro que Gonçalo lançou em 2006 é uma espécie de enciclopédia, o *Biblioteca dos Quadrinhos*, editora Opera Graphica, uma valiosa catalogação que se propõe a listar tudo de relevante que já saiu de material teórico sobre o assunto editado em português e lançado no Brasil. São mais de 700 títulos, divididos em nove capítulos. Cada verbete traz a ficha técnica, uma resenha crítica e a reprodução da capa. Um trabalho de pesquisa seríssimo, minucioso, único em todo o mundo dedicado à literatura especializada em quadrinhos. Um livro de referência obrigatório para

todos os pesquisadores, estudiosos e interessados pelo gênero.

Mais para o fim do ano, saiu *A Educação está no Gibi*, de Djota Carvalho, editora Papirus, que defende o uso dos quadrinhos como ferramenta didática. Numa linguagem simples e acessível, Carvalho primeiro faz uma apresentação conceitual e histórica das HQs e, a seguir, sugere alguns temas tanto na aplicação de séries conhecidas no estudo de determinadas disciplinas quanto como exercício de criação.

O ano já estava para acabar, mas ainda reservava duas surpresas: o primeiro é *Aprendendo a desenhar com os maiores mestres internacionais* vol. 1, da Panini, uma compilação das “aulas” de técnicas de desenho publicadas na revista *Wizard*. Um extenso manual com várias orientações para quem quer aprender a desenhar no estilo dos super-heróis, dadas por alguns dos mais importantes artistas americanos do gênero e inclui desde Jim Lee até o veterano Joe Kubert. O outro livro é o *Almanaque dos Quadrinhos*, de Carlos Patati e Flávio Braga, da Ediouro. No mesmo formato e seguindo a mesma proposta generalista dos outros “almanaques” da editora, o livro faz um apanhado das principais séries, autores, gêneros e épocas, de forma bastante esclarecedora e recheado de curiosidades, como convém a um bom almanaque. O projeto gráfico, um pouco caótico e confuso à primeira vista, se revela bastante adequado no decorrer da leitura e acaba ajudando a dar um ritmo mais dinâmico.

Com exceção de um ou outro título, a maioria dos lançamentos mereceu citação nos sites especializados e, em vários casos, até na imprensa geral, o que demonstra o interesse que esse tipo de publicação vem despertando no público. Agora é torcer para que 2007 repita a boa performance dos anos recentes e também seja de bons lançamentos de livros teóricos sobre HQ.



Almanaque dos Quadrinhos, de Carlos Patati e Flávio Braga; *Riscos no tempo*, de J. Audaci Junior

Chamada Geral

Apócrifha

Roteiro: Wellington Srbek. Desenhos: Fernando Cypriano.

Edição especial 10 anos de independência. Nov. 2003. 36p. 20x28cm. R\$6,00.

Pedidos para a Marca de Fantasia ou para o autor: Rua Maria Rita, 194. Ipiranga. Belo Horizonte, MG. 31160-060.

A criação do homem, do universo, do céu e do inferno são questões metafísicas que certamente jamais serão resolvidas pelo homem. Nelas se imbricam a vaidade e a luta pelo poder, tema recorrente em toda a história da humanidade e que não poderia deixar de estar presente na concepção da criação. É da formação do caráter humano que trata *Apócrifha*, o magnífico álbum produzido por Wellington Srbek, que também é responsável pelo roteiro, ao lado do desenhista Fernando Cypriano. O tema é bastante provocador e incita a infinitas interpretações.

A compreensão do que seja Deus não se dará antes que se saiba quais foram suas pretensões com a criação do mundo. Isto é muito sugestivo e, de certa forma, é o que se tem trabalhado nos quadrinhos poéticos. Não por acaso, *Apócrifha* é um álbum que traz um forte componente poético em seu texto, extensivo às ilustrações.

Como presente em todo o processo criativo de Srbek, o embasamento teórico é um elemento incontornável, como se pode confirmar nos agradecimentos especiais no final do álbum. O

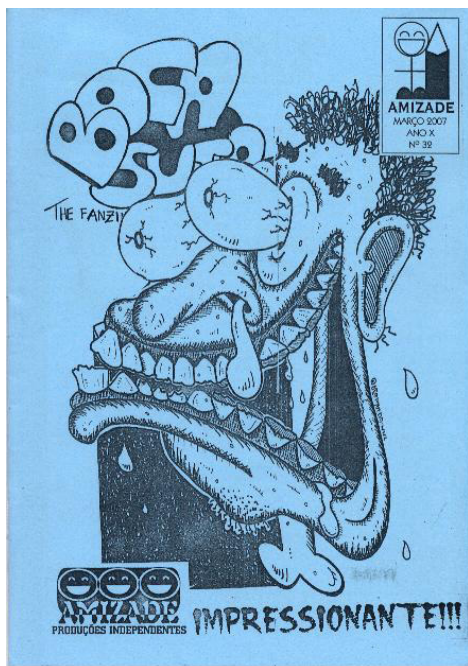


impacto surreal e primitivo do trabalho de Bosch foi muito bem colocado na trama, o que mostra sua capacidade de reinvenção cultural. A idéia de que somos anjos caídos ou pobres diabos é genial e se coaduna com o princípio bíblico do pecado original.

De certa forma o álbum, quando procura justificar a condição humana, corrobora os princípios judaico-cristãos, em particular quando demonstra a generosidade de Deus ao enviar o próprio filho ao inferno na tentativa de obter o arrependimento do demônio, sendo que este o recusa com sua soberba e arrogância. É interessante colocarmos uma outra interpretação do poder divino, a qual acho muito instigante: a que nos apresenta o escritor português José Saramago em O evangelho segundo Jesus Cristo. Nes-

te livro, é o próprio demônio que tenta fazer um trato com Deus e propõe arrepende-se, com o fim de poupar a humanidade dos terríveis pesares que ela iria enfrentar para que se consolidasse a hegemonia cristã. Nesse caso é Deus – vingador e impiedoso – que nega o perdão ao diabo. Esta é uma passagem chocante do livro, onde o Diabo enumera as torturas e mortes de inúmeros santos da igreja católica, citando-os em ordem alfabética.

À parte minhas preferências pessoais pela provocação, pelo lado herético e de contraposição ao poder estabelecido pela igreja, não podemos negar a delicadeza e a extrema beleza do trabalho de Srbek/Cypriano, que forma uma obra de rara sensibilidade.



Boca Suja

Nº 32, março de 2007. 28p. 15x21cm
Editor: Laerçon Santos. Rua Maciel
Aranha, 238. São Paulo, SP. 08340-290

O fanzine *Boca Suja* chega ao número 32 com o mesmo bom humor e criatividade de quando surgiu, há quase dez anos. Salvo um ou outro atraso, o que é muito natural no meio independente, o fanzine tem mantido uma regularidade rara, o que demonstra o empenho e a paixão de seu editor.

O destaque da edição é mesmo o trabalho Laerçon, autor de séries impagáveis, como *O pato de botas*, *Carta para Afras*, *Zé Boy* e *The Paraibanos de Subúrbio*. Esta última, conta de forma irreverente as aventuras de personagens punks na selva urbana. Desbocados, amorais e iconoclastas, os *Paraibanos de Subúrbio* não poupam nem os mitos religiosos. Numa edição passada, eles chegam a brincar de forma hilária com o maior ícone da religiosidade do ocidente, na HQ “Jesus Cristo do Paraguai”. É esse humor incondicional que compensa o tosco grafismo de Laerçon, que de certa forma já se tornou marca indissociável das personagens.

O fanzine tem ainda a participação de vários autores, a exemplo de Cleuber, Marcelo e Marcio Sennes, com cartuns e tiras humorísticas que mostram a diversidade temática e estética dos novos autores nacionais. Artigos, divulgação de outras publicações e poesias completam o fanzine, que merece constar de toda fanzinoteca.

Manicomics

Nº 15, out. 2003. 28 p. Formato 14x 21cm. R\$2,00

Editor: Daniel Brandão. Caixa postal 52897. Fortaleza, CE. 60151-970

Um dos melhores fanzines que já tivemos, o *Manicomics*, já chegou ao fim, não por falta de ânimo dos editores ou do que dizer. Criado por Daniel Brandão, JJ Marreiro e Geraldo Borges, cada um resolveu experimentar outras aventuras gráficas, depois de uma memorável incursão no universo dos fanzines.

Um dos grandes trunfos do *Manicomics* sempre foi o projeto gráfico bem elaborado, com a aplicação adequada dos recursos da informática, além do bom gosto na programação visual. Mas não só. O fanzine apresentava também uma excelente qualidade em suas matérias, sejam textuais, sejam histórias em quadrinhos.

Nesta edição já bem antiga, mas que vale sempre conferir, participam

com quadrinhos Falex, com a série *Rato do Prédio*, com um expressivo desenho em tons de cinza e JJ Marreiro, que retoma o estilo clássico dos super-heróis, com um traço que lembra as primeiras incursões no gênero. Sua *Mulher Estupenda* segue os clichês desse tipo de quadrinhos de forma deliberada, num tom bastante nostálgico e gracioso.

Duas histórias merecem destaque na edição: “Estupidez Humana”, de Daniel Brandão, com uma narrativa segura e surpreendente; e “O Bicho”, com a personagem *Cronium*, com texto de JJ Marreiro, arte de Ronaldo Mendes e letras de Os Impossíveis, que é o grupo editorial do fanzine. “O Bicho” faz uma viagem no inconsciente do herói e se depara com a crua realidade, inspirada num poema de Augusto dos Anjos.

A qualidade do *Manicomics* é incontestável, tendo sido agraciado com o prêmio HQ Mix de melhor fanzine.



Espaço exclusivo

Tenho reservado na minha estante um espaço exclusivo para as publicações da Marca de Fantasia, é sempre muito bom vê-lo se ampliando e perceber como o seu projeto vingou. É tanta coisa importante que você já lançou nesses últimos anos!

Os Frustrados é um álbum de grande força, a ironia fina com que Bretécher trata os temas do mundo burguês e dos pseudo-intelectuais contemporâneos (entre outras criaturas da fauna urbana) é realmente fascinante. É impressionante sabermos que quadrinhos dessa envergadura demoraram tanto para serem lançados aqui, enquanto as bancas continuam abarrotadas de lixo-mangá-comics. Espero que venham outros álbuns de Claire por aí.

Ah, fiquei curioso pra saber, foi você quem reescreveu/letreirou todos os textos em português nos quadrinhos? Ficou muito bom! Você conhece Bretécher pessoalmente?

O livro Entrequadros, de SrbeK é também interessante por trazer essa miscelânea de visões dos quadrinhos. Nele destaco a entrevista com Nilson, onde ele teve coragem de soltar o verbo contra certos artistas que gozam de uma unanimidade – para mim muitíssimo duvidosa. Também



foi bom ler novamente a sobriedade das palavras de Colin, um artista que conhecia bem o seu papel na HQ nacional. Pena que alguém de tamanho talento tenha tido que amargar o ostracismo por tantos períodos.

Edgar Franco. Poços de Caldas, MG.

É uma honra ocupar um espaço dedicado à Marca de Fantasia em sua estante. Seu campo de pesquisa e seu gosto pessoal são dos mais refinados que conheço, o que só aumenta nosso prestígio, mas também nossa responsabilidade de estar produzindo cada vez melhor.

Eu mesmo fiz a tradução dos quadrinhos de Bretécher. Infelizmente não a conheço pessoalmente. O contato se deu por intermédio de seu agen-

te. Bretécher é uma artista muitíssimo renomada na França e é compreensível a dificuldade de acesso.

Privilégio

Agradeço pelo envio de Os Frustrados, de Claire Bretécher: humor refinado (e muito engraçado) em narrativa primorosa, de traço e textos sofisticados - a expressão dos personagens é fantástica. Lê-se como quadrinhos, como um livro, como obra de arte. Privilégio dos poucos que tiverem acesso.

Marcelo Marat. Belém, PA. Dez. 2004

Claire Bretécher e sua extensa obra continuam praticamente desconhecidas no Brasil, o que prova o quanto nosso mercado editorial é tacaño. Para quem quiser descobrir um pouco mais de seu trabalho, indico seu sítio oficial: www.clairebretécher.com

Mercado caro

O Top! Top! 17 vem num formato econômico, mas igualmente criativo e interessante. Deu uma geral na carreira de Cristovam Tadeu e nos atualizou sobre sua obra. Como sempre, edição nota 10. Não há reparos.

Quanto à crise de leitores, eu também acho que existe. Eu, que fui um grande incentivador, hoje estou envolvido com as despesas de sobrevivência.

Mas, se não posso mais adquirir os alternativos, os das bancas então nem se fala, estão pela hora da morte. Os álbuns de luxo do Carl Barks (Tio Patinhas), eu tive que deixar passar. Os gibis das grandes editoras estão muito caros.

João Antônio. Campinas, SP. Dez. 2004

A carta de João é um retrato da mudança do mercado de quadrinhos, que tendem a deixar de ser cultura de massa para atingir um público especializado. Veja-se a tendência de edições de luxo, livros e álbuns, seguindo o percurso traçado pelos europeus há anos. Os alternativos e independentes também devem seguir esta linha, como já ocorre em vários países do mundo.

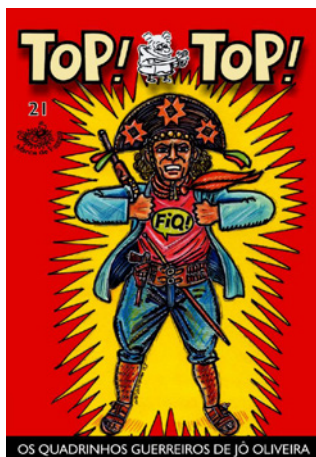


Trincheira

O Top! Top! 21 está lindo, capa colorida e formato definido. As cores destacando o nosso signo maior, representando o Nordeste, foi de uma ótima escolha. Aliás, focar Jô Oliveira, conterrâneo que mal conhece, foi de uma ótima perspicácia. Como sempre, estou muito feliz com sua edição. Sei de sua proposta de trincheira, mas a qualidade gráfica e conteúdo cada vez mais denotam ao profissionalismo.

José Valcir. Olinda, nov. 2006

Meu propósito é mesmo esse, manter o espírito fanzine – analítico, militante, engajado – com a qualidade profissional. Há muito o que mostrar dos quadrinhos brasileiros, tanto dos novos autores quanto dos veteranos. É lamentável que se conheça tão pouco obras memoráveis, como a de Jô Oliveira, quando temos as bancas saturadas de lixo comercial.



Índole

Muito bom o Top! Top! 21. Parabéns pela entrevista com Jô Oliveira. Dividida por temas (Cultura popular, Quadrinhos na educação etc), perguntas relevantes e respostas do entrevistado de igual tamanho. Uma aula de um artista humanista. A arte pela informação, cultura e o bem da humanidade. Tudo isso percebi na índole de Jô Oliveira.

Na história em quadrinhos “Zumbi”, mais arte, cultura e informação. Originalidade e dramaticidade também vêm à tona nessa narrativa histórica. Ótimo para estudantes do ensino médio e fundamental.

No artigo “Hans Staden para brasileiro ver”, Gazy Andraus apresenta essa obra com o máximo esclarecimento e ainda nos faz ver as grandes qualidades desta narrativa em quadrinhos. Não compreí essa obra de Jô Oliveira, mas Gazy nos instiga a tomar essa decisão. Esse é o quadrinho nacional, livre de influências norte-americanas, que permeiam por demais nos pontos de vendas.

Milson Marins. Olinda, PE.

Sem dúvida, Milson, Jô Oliveira nos dá uma aula de como fazer quadrinhos de qualidade com temas ao mesmo tempo regionais e universais. Não nos surpreende que ele tenha conquistado grande prestígio internacional e nos choca como a mentalidade de nossos editores é tão provinciana.

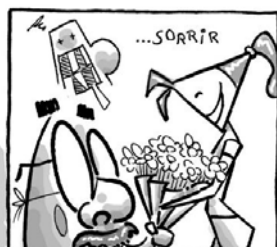
Valdevino

Raoni X.

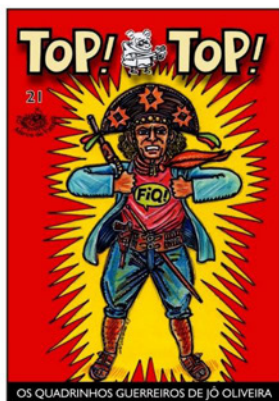
VALDEVINO:



VALDEVINO:



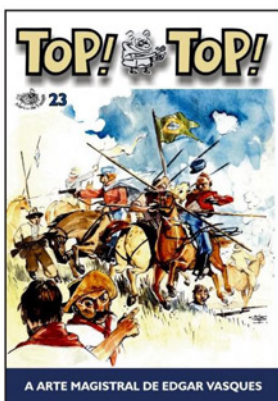
Quadrinhos brasileiros em revista



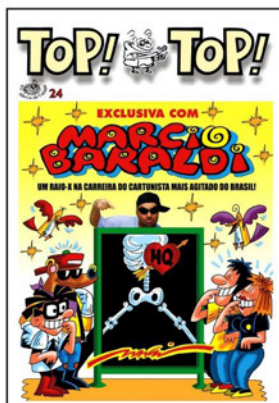
Jô Oliveira



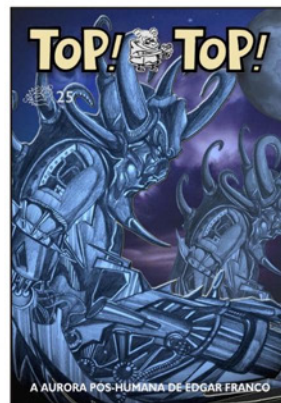
Klévisson Viana



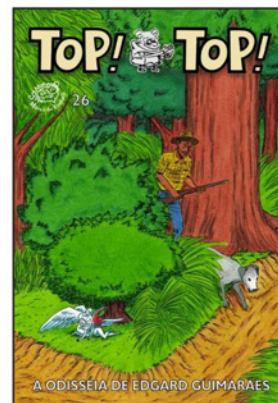
Edgar Vasques



Márcio Baraldi



Edgar Franco



Edgard Guimarães